

# Está fora do meu controle

## Quem exerce o poder não ama. Se amar, perde o controle (e o poder)

EUGÊNIO BUCCI

05/02/2016 - 08h01 - Atualizado 25/10/2016 20h45

Compartilhar

Assine já!

Enquanto diz isso, o garboso Augusto de Valmont (Selton Mello), na minissérie *Ligações perigosas* (que foi exibida pela Rede Globo em janeiro), apressa as sílabas e vira o rosto numa guinada repentina, como se buscasse outro ar para enxergar um horizonte alternativo e encontrar uma saída. O pânico rebrilha nos olhos do libertino de voz grave. Ele não tem medo de nada e nunca se censura. Em sua etiqueta sexual, não há proibições. Só o que o apavora é isto: a perda de controle.

Valmont é um personagem e tanto. Foi criado por Pierre Choderlos de Laclos, na França do século XVIII, o Século das Luzes, que reinventou a civilização. As ideias que temos até hoje de liberdade na vida pública – e de libertinagem na vida íntima –, nós as devemos aos pensadores franceses do século XVIII. Olhe para seu país e, em seguida, olhe para sua cama. Nada disso seria o que é se não fosse o Século das Luzes. Na política, os iluministas nos legaram achados geniais como, entre tantos outros, a divisão dos poderes (Montesquieu). No campo dos hábitos amorosos, elevaram o erotismo à condição de arte, transgredindo os limites tênues entre a beleza extrema e a morte trágica.

Se você estiver pensando em erotismo de crueza e crueldade, fique com o Marquês de Sade. Se quiser refinamento, vá de Choderlos de Laclos. Seu Augusto de Valmont é o sedutor francês do século XVIII por excelência: maneiras elegantes, culto, viajado, espadachim implacável e cortejador irresistível. Iluminista, sim, mas sacrílego. A ele tudo é permitido, menos amar, pois amar é perder o controle. Ao se apaixonar por uma de suas presas, a virtuosíssima Madame de Turvel (interpretada por Marjorie Estiano na adaptação brasileira), Valmont perde o chão. Um sedutor como ele, quando arrebatado pelo amor verdadeiro, vira uma contradição carnal insolúvel.

Se você, como o cantor Belchior, acredita que “o amor é uma coisa boa” e acha que o melhor da vida é se deixar levar pelo coração e se casar com a alma gêmea, reconsidere. Isso não é lei universal. Para quem, como Valmont, exerce a sedução como arte, o amor é um acidente de trabalho estúpido, que pode ser fatal. Quando ele acontece, toda a corte (nos dois sentidos) perde a graça – e o controle. O amor leva ao inferno.

O Iluminismo não gostava de descontroles. Carregava a convicção de que todos os domínios da vida poderiam ser governáveis. O Estado, a guilhotina, a libidinagem, tudo seria manejável em prol do bem comum de acordo com o discernimento das mentes esclarecidas. Até que, quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial, numa decisão tomada por governos supostamente esclarecidos, e milhões de jovens franceses começaram a morrer de diarreia em trincheiras lamacentas, os herdeiros do Século das Luzes se deram conta

da ilusão do Iluminismo e viram que nada estava sob controle. Depois disso, o século XX desabou sobre essas ilusões com o peso de uma hecatombe.

E aqui estamos nós. Já que Manuela Dias adaptou, e muito bem, a história de Choderlos de Laclos para nosso país (ambientou o romance no início do século XX no Brasil), contemplemos o espetáculo convulsionado da perda total de controle no território nacional. Os organismos encarregados de governar os negócios públicos da pátria estão fora de qualquer controle, como Valmont. No final do ano passado, o rompimento da barragem da empresa Samarco no município mineiro de Mariana virou um símbolo. Parecia uma instalação artística (do mal) cobrindo o sertão com o mar de lama profético, no maior desastre ambiental da história do Brasil. A proliferação de mosquitos e de casos de dengue (2015 bateu todos os recordes) e de enfermidades causadas pelo zika vírus soa como um trocadilho de mau gosto: deu zica. A corrupção desembestou e os processos contra ela também. Ao menos na opinião dos advogados dos réus da Lava Jato, que assinaram um manifesto contra Sergio Moro. Os integrantes do Ministério Público reagiram e repudiaram o manifesto, indicando que descontrolados são os causídicos.

Se algo no Estado brasileiro escapa ao controle, não há de ser por excesso de amor. Talvez seja por escassez. Acontece que o Estado iluminista não ama. Como obra-prima suprema da razão desapaixonada, ele não precisa amar para ser perfeito. Se amar, estraga. E aqui chegamos a um paradoxo bem interessante: para o Estado, nesse aspecto singular, vale a fórmula que Valmont adotou para sua vida privada: quem exerce o poder não ama e, se amar, perde o controle (e o poder).

Você vai dizer que razão sem amor é loucura, mas é assim que tem sido. E vai piorar.

## **RECOMENDADO PARA VOCÊ**

---